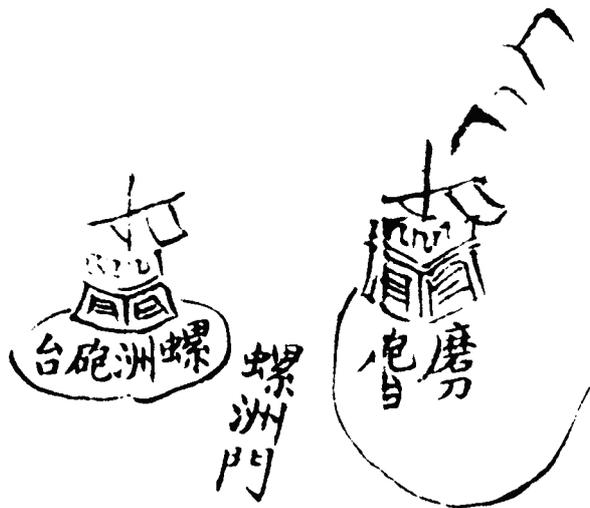


Ataque dos Holandeses a Macau, 1622

António do Rosário, O. P.



O frade dominicano António do Rosário foi um dos vários observadores portugueses que relatou o ataque a Macau conduzido pelo almirante Cornelis

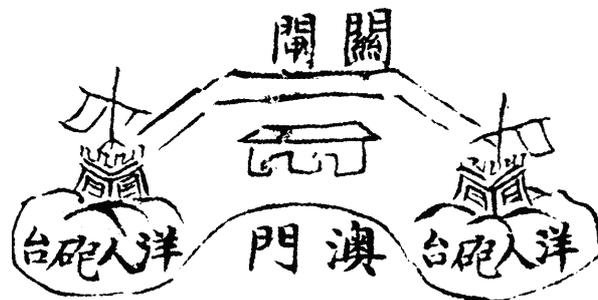
Reyersz no dia 24 de Junho 1622. Na altura destes acontecimentos, frei António era administrador interino do bispado de Macau. A 30 de Julho de 1622, tomará posse como presidente de um comando militar que o vice-rei da Índia, confrontado com a crescente ameaça holandesa, tinha nomeado alguns meses antes para a defesa da cidade. Entre os aspectos que apenas encontramos reportados na relação de António do Rosário conta-se a chegada antecipada dos quatro navios da 'esquadra de defesa' anglo-neerlandesa que então sitiava Manila. Frei António também facultou dados inéditos sobre a forma como uma flotilha de sete juncos comandada por Francisco Tavares conseguiu furar este bloqueio ao escoltar um conjunto de navios portugueses que chegavam da Índia e das partes do Sul. Além disso, o texto deste dominicano apresenta diferenças substanciais em relação a outros testemunhos portugueses da época, em particular na avaliação que faz do papel desempenhado por um dos principais protagonistas da resistência da cidade, o então capitão-mor de Macau, Lopo Sarmento de Carvalho.

Fonte utilizada: Fr. António do Rosário, O. P., *Breve Rellação da vinda dos Olandezes a Macao, e da grande victoria, que Loppo Sarmento de Carvalho Capitão môr delle alcançou por intercessão da sacratissima Virgem do Rozario, e do Glorioso São João Baptista, em cujo dia se alcançou, feita pelo P. Fr. Alvaro [sic] do Rozario da Ordem de S. Domingos*, in Charles R. Boxer, *Estudos para a História de Macau – Séculos XVI a XVIII* [Lisboa: Fundação Oriente, 1991, pp. 95-100]. O texto foi modernizado por Rui Manuel Loureiro. Suprimiram-se algumas passagens mais retóricas.

The Dominican friar António do Rosário was one of several Portuguese observers who wrote about the attack on Macao conducted by Admiral Cornelis

Reyersz on June 24, 1622. At the time of these events, Friar António was interim administrator of the Macao bishopric. On July 30, 1622, he was to be appointed as president of a military command which the vice-roy of India, facing the growing Dutch threat, had appointed a few months earlier for the defence of the city. Among the aspects that are solely to be found in António do Rosário's account, is the predicted arrival of the four ships belonging to the "Anglo-Dutch defence squadron" that lay siege to Manila. Friar António also offers original data regarding how a fleet of seven junks commanded by Francisco Tavares managed to break the siege escorting a fleet of Portuguese ships arriving from India and the South. Furthermore, the text of the Dominican shows substantial differences regarding other Portuguese testimonies of the time, in particular in the evaluation of the role played by one of the main characters in the resistance of the city, the Captain-General of Macao, Lopo Sarmento de Carvalho.

Source: Fr. António do Rosário, O. P., *Breve Rellação da vinda dos Olandezes a Macao, e da grande victoria, que Loppo Sarmento de Carvalho Capitão môr delle alcançou por intercessão da sacratissima Virgem do Rozario, e do Glorioso São João Baptista, em cujo dia se alcançou, feita pelo P. Fr. Alvaro [sic] do Rozario da Ordem de S. Domingos*, in Charles R. Boxer, *Estudos para a História de Macau - Séculos XVI a XVIII* [Lisbon: Fundação Oriente, 1991, pp. 95-100]. The text was updated by Rui Manuel Loureiro. Some of the more rhetorical aspects were removed.



BREVE RELAÇÃO DA VINDA DOS HOLANDESES A MACAU

[...] Achou-se neste tempo nesta cidade, que permitiu Deus que assim acontecesse, Lopo Sarmiento de Carvalho, capitão-mor dela, que com ânimo invencível, um rosto alegre, muito confiado em Deus, esforçava e animava os fracos, tirando a muitos o pavor e o medo que os tinha quase já consumidos. Pôs [ele] logo por obra a fortificação da cidade, trabalhando tanto nela que parecia que só ele nascera para os trabalhos. Fortificou as partes mais fracas, pondo capitães e dividindo a gente, cercando-a por todas as partes mais necessárias. E porque havia falta de artilharia, [foi] despedido com o conselho da cidade [Senado] – sem o qual, podendo fazer, nada fazia –, uma ligeira embarcação para Manila, pedindo ao governador dela que acudisse com a pressa possível a Macau, que poderia acabar e perecer com a falta de artilharia, com cuja chegada tomaram os homens coragem para pelejarem e defenderem a sua terra.

[...] Chegaram a esta barra de Macau, quando menos se esperava, a 29 de Maio, quatro naus, duas holandesas e duas inglesas, que ao som de uma boa salva que deram largaram estandartes e bandeiras demonstradoras e significadoras dos encobertos intentos que contra [esta] terra traziam. Mas [o capitão] Lopo Sarmiento de Carvalho, que em matéria de seu ofício não dormia, como prudente, e entendendo os enganos do inimigo, juntou toda a gente que na terra havia, ordenando-a em companhias, fortificou os lugares que lhe pareceram mais fracos, por onde poderiam os inimigos entrar, pondo capitães e dividindo a gente o melhor que pode.

E vendo que Cacilhas, que era uma praiazinha distante da cidade um quarto de légua que ficava detrás de dois montes, poderia servir de fácil entrada aos inimigos que, ganhando a praia e os montes, ficariam fazendo grande dano à cidade, pretendeu cercá-la com uma tranqueira forte. Mas, pela contradição que houve da parte da cidade, a cercou com um valo de areia, sendo ele o primeiro em tudo como bom capitão, acarretando a areia para a fortificação do valo, com cujo exemplo se moveram os principais da terra a fazerem o mesmo, em vendo trabalhar seu capitão com tanto cuidado. Que com muita verdade se podia dizer dele que, como verdadeiro capitão, em ser o primeiro em tudo moveu a todos, porque era tanto o cuidado que tinha que enquanto estiveram os inimigos à vista da cidade a sua

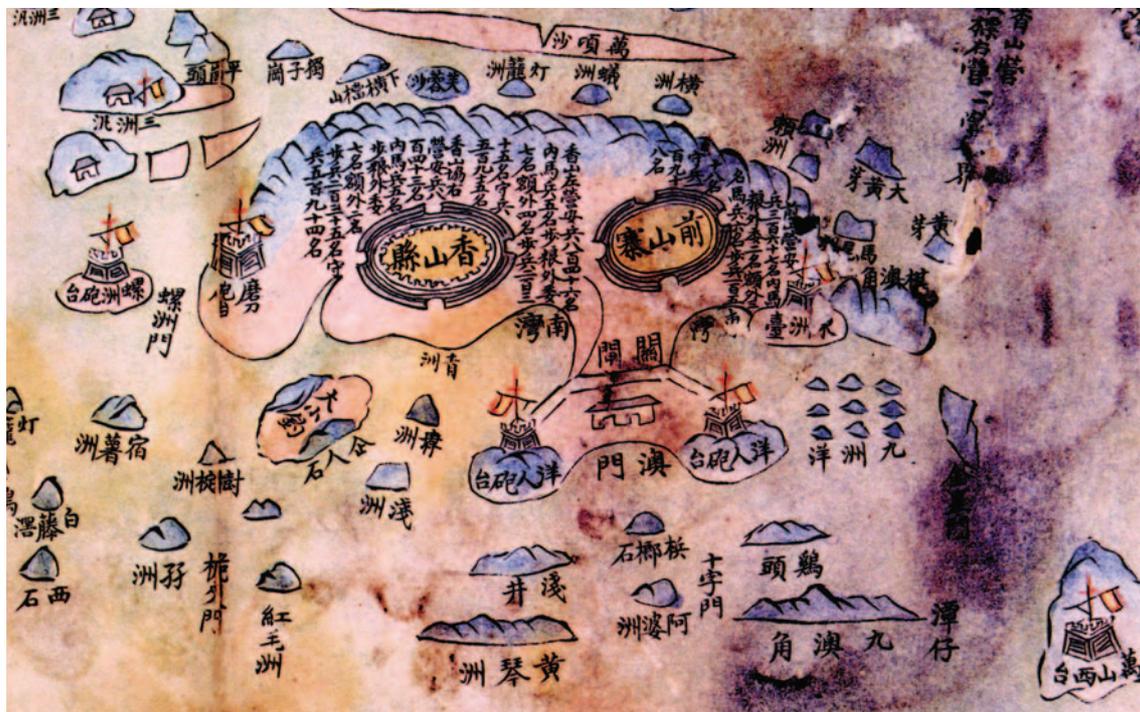
casa foi o baluarte de São Francisco, a sua cama um gabão lançado sobre as pedras do mesmo baluarte, como se não fora casado, [nem] tivera cuidado de filhos e mulher. Gastava a noite toda a correr os fortes e [a] fazer vigias, e sofrendo muitas vezes como prudente a muitos néscios.

E tendo notícia como as lanchas iam fazer aguada a uma ponta que ficava perto de suas naus, não querendo perder tempo, se embarcou de noite com oito cháos e três balões, para esperar o inimigo quando viesse. Mas não teve efeito o que tanto desejava, porquanto na seguinte manhã se fizeram à vela para a ilha dos Veados, a esperarem as embarcações da Índia. Conhecendo o prudente capitão o desígnio do inimigo, mandou com muita pressa sete cháos bem aparelhados, que servissem para dar guarda às embarcações que da Índia e das mais partes viessem. E foram de tanto efeito que trouxeram livres por entre as ilhas assim as embarcações da Índia, como [as] de Solor, Bornéu e Macaçar.

Estando as coisas neste estado, a cidade fortalecida, os lugares fortificados com seus presídios, aos 21 de Junho chegaram a esta barra mais treze velas holandesas, nove naus grandes de guerra e quatro patachos, que, com as quatro [velas] que já na barra estavam, ficavam por todas sendo dezassete velas. Aos 22 do mesmo mês despediram oito lanchas a reconhecer os postos, os quais [holandeses] em muitas partes andavam com os nossos às espingardadas, principalmente em Cacilhas, aonde depois de uma boa salva de mosquetaria se recolheram às suas naus. Conhecendo Lopo Sarmiento de Carvalho, pela detença que as lanchas em Cacilhas fizeram, que traziam olho naquela praiazinha, por estar desabrigada e sem artilharia, com mais facilidades e mais a seu salvo naquela praiazinha, pôs nela com muita brevidade duas companhias de soldados e casados com alguma gente da terra, que por todos viriam a ser duzentos homens.

Aos 23 dias do mesmo mês, véspera do glorioso S. João Baptista, mandaram os inimigos duas naus poderosas, que uma delas trazia duas ordens de [peças de] artilharia grossas, de vinte e cinco e trinta arráteis, as quais se puseram à bateria com o baluarte de S. Francisco, desde as duas até às seis horas da noite. Eram os estrondos tão grandes que pareciam medonhos trovões, e os pelouros vinham tão furiosos que pareciam ligeiros coriscos e em tanta quantidade que parecia um grande e grosso chuva. O ar estava tão escuro e espesso que nos tirava da vista o sol; os gritos chegavam ao céu; o som dos tambores e pífaros, que serviam de despertar

ENCONTROS E DESENCONTOS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II



Mapa militar das bases navais de Guangdong (pormenor de Macau). Fins da dinastia Qing.

aos homens, já lhes serviam de confusão. E com serem tantos os pelouros e tão contínuos que destroçaram algumas casas, permitiu Deus que não fizessem mal à gente, que como atónita andava pelas ruas. Antes pelo contrário, os nossos foram de tanto efeito que lhes destroçaram as suas naus, que não serviram mais para com elas fazerem viagem, matando muita gente [e] fazendo nelas grande destruição. Se pelas vésperas se julga o dia, julgue cada um qual seria o dia do glorioso Baptista? Se as suas vésperas foram festejadas com tão formosa salva de pelouros, foi o dia festejado com a famosa destruição das cabeças dos inimigos, que era justo viessem pagar com cabeças aqueles que determinavam festejar o dia do Santo das cabeças com as cabeças dos seus devotos.

Cessou a bateria de noite, fazendo os inimigos nela grandes festas com charamelas, tambores e cornetas. Mandou Lopo Sarmiento de Carvalho que lhes respondessem dos nossos baluartes com as mesmas festas, para que entendessem os inimigos que tínhamos maior razão de festejarmos, pelas grandes mercês que nos tinha feito Deus Nosso Senhor. Correu nesta noite Lopo Sarmiento de Carvalho os fortes todos e, como prudente capitão, animou e esforçou aos soldados e casados, pondo-lhes diante a obrigação que todos

tinham de pelejarem e defenderem os sagrados templos, que não viessem ser profanados dos hereges inimigos de nossa santa fé, a liberdade das mulheres, e as vidas dos queridos filhos. Sobretudo o grande perigo que poderiam correr se viessem às mãos dos inimigos aqueles inocentes e tenros cordeiros, que mamando o mau leite das lobas carniceiras viessem por tempo, o que Deus não permitisse, a serem lobos mais carniceiros; e o pouco remédio que lhes ficava, se fugissem para os chinas, serem eles certos cutelos.

Com esta lembrança se esforçaram os homens, desejando já a manhã, para com vigor de seus esforçados braços, confiados em Deus Nosso Senhor, tingirem as espadas no sangue de seus inimigos. E para que Deus Nosso Senhor os ajudasse e se compadecesse deles, se confessaram todos de noite, tomando o diviníssimo sacramento de altar de madrugada. Ainda bem não era chegada a luz do dia, nem o sol tinha ainda aformosentado o nosso horizonte com seus claros raios, ainda bem não era manhã clara, aquela que em todas as partes do mundo mais que todas as dos outros dias costuma ser festejada, festejaram os inimigos com uma salva de pelouros, começando com maior força a bateria. E sendo já manhã clara, partiram para Cacilhas dois patachos e em sua companhia vinte e duas lanchas e cinco barças.

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II

Chegados a Cacilhas, lançaram em terra à sombra da sua artilharia oitocentos mosqueteiros, afora muitos japões que traziam. E formando um formoso esquadrão, se vieram para o valo, o qual depois de uma grande trisca de espingardas que entre eles e os nossos houve nos ganharam, aonde nos tomaram uma bandeira e alguns mosquetes e nos mataram logo um casado da terra. Com este princípio que lhes pareceu bem afortunado, vendo que os nossos deixaram o vale, vieram marchando sempre com boa ordem, até que nos ganharam o primeiro monte, indo os nossos sempre retirando. Por entre as pedras lhes matavam muito gente, sem ser bastante a grande multidão dos seus mosquetes para fazerem mal aos nossos, porque como os nossos se amparavam com as pedras ofendiam livremente sem serem ofendidos. Chegados os inimigos a uma paragem que se chama a Fontinha, por respeito de uma fonte que fica ao pé da serra aonde os mainatos costumam lavar a roupa, lhes atiraram de S. Paulo três bombardadas; a terceira lhes matou dois ou três homens, ficando os outros atemorizados e medrosos desta paragem. Permitiu a sacratíssima Virgem, quebrando-lhes os ânimos, que fossem perdendo o que tão livremente tinham ganho, para mostrar que ela era que intercedia e que pelejava, tomando por instrumento Lopo Sarmiento de Carvalho, dando-lhe os meios por onde os poderia destruir.

Esteve, ao tempo que os inimigos entraram, Lopo Sarmiento de Carvalho com o resto da gente no corpo da guarda. E sendo sabedor, por um ligeiro cavalo, como os inimigos tinham ganhado o vale e vinham entrando, foi logo marchando com toda a gente que consigo tinha, e recolhendo toda aquela que se vinha retirando, animando-a e esforçando-a com palavras animosas e consolativas, que bem mostravam o generoso ânimo daquele que as dizia. Chegou o tempo que os inimigos chegavam à paragem da Fontinha, os quais, vendo a nossa gente, a deliberação com que marchavam, o ânimo com que por meio dos pelouros os vinha investindo, foram-se retirando a um teso que ficava perto da mesma serra da Nossa Senhora da Guia e daí despediram suas bandeiras com tenção de ganharem a serra, vendo o pouco partido que connosco tinham.

Entendendo Lopo Sarmiento de Carvalho o desígnio dos inimigos e vendo que determinavam ganhar a serra pela parte do oriente, a tomou primeiro pela parte do ocidente. E ganhando o cume do monte defronte do esquadrão inimigo, depois que com breves palavras animou a gente, invocando o dulcíssimo nome

de Maria e o de Santiago, os investiu com tão grande alarido e gritos dos valorosos portugueses, que não foram bastantes oitocentos mosqueteiros para os deterem. Vendo o inimigo a deliberação portuguesa, o valor e o ânimo com que os acometiam, foram deixando o teso e largando o monte, e retirando-se para o segundo monte. Mas vendo que os portugueses como estomagados leões os perseguiram, largadas as armas se valeram dos ligeiros pés.

Uns caíam atravessados dos pelouros portugueses, outros deixavam as cabeças aos golpes dos esforçados braços lusitanos, e com o sangue com que ficavam as pedras esmaltadas mostravam que pagavam seu atrevimento. Outros, precipitados, chegavam ao mar, onde banhados no salso licor satisfizeram com as vidas a sede que de nossas tinham.

Indo os nossos, vencedores, até à praia, fizeram embarcar os poucos que escaparam a nado, com cujo sangue o mar parecia mais vinho tinto que água clara. Matavam-lhes no alcance trezentos homens, a flor de toda a sua gente, afora de muitos afogados e feridos, que se entende iria morrer às suas naus. Morreram-lhes aqui quase todos os seus capitães, em que entrou o seu general da terra. Tomaram-lhes oito bandeiras, com a do mesmo general, e seus tambores. Cativou Lopo Sarmiento de Carvalho um seu grande capitão, com mais seis holandeses, e tomou-lhes mais uma porção de artilharia que já na praia estava desembarcada. Tomaram-lhes os nossos mais de quinhentos mosquetes, afora as muitas espadas. E sem dúvida, se os negros se não ocuparam em os despir, nenhum escaparia. Mas quis Deus Nosso Senhor mostrar que, quando menos esperávamos e menos confiança tínhamos dos homens, nos acudia com a enchente de Sua misericórdia, e que poucos com Deus prevaleciam a muitos, digo contra muitos sem Deus; ensinando-nos que ponhamos nele todas as nossas esperanças, por que as nossas coisas tenham próspero fim. Que um dos grandes louvores que se pode dizer deste ditoso capitão é enquanto estiveram os inimigos à vista da cidade e andavam os homens amedrontados e medrosos, sempre andou com o rosto alegre, quieto e sossegado, mostrando a grande confiança que em Deus tinha, como muitas vezes suas práticas manifestavam. Que podia dizer, como outro David, que por esperar em Deus não ficou frustrado, como se vê na grande vitória que ficará eternizando o seu nome, tudo por honra e glória do mesmo Deus que vive para sempre. **RC**